

BRAM STOKER

Drácula

Tradução de
JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

Organização, introdução e notas de
MAURICE HINDLE

Prefácio de
CHRISTOPHER FRAYLING

PENGUIN



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Companhia das Letras
Copyright da introdução e das notas © 1993, 2003 by Maurice Hindle
Copyright do prefácio © 2003 by Christopher Frayling

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Dracula

PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA

Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO

Lígia Azevedo

REVISÃO

Huendel Viana

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stoker, Bram, 1847-1912.

Drácula / Bram Stoker; tradução de José Francisco Botelho; organização, introdução e notas de Maurice Hindle; prefácio de Christopher Frayling. — 1ª ed. — São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

Título original: Dracula.

ISBN 978-85-8285-005-3

1. Dracula, Conde (personagem fictício) 2. Ficção irlandesa 3. Vampiros – Ficção 1. Hindle, Maurice 11. Título.

14-08976

CDD-ir823.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura irlandesa ir823.9

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prefácio — Christopher Frayling	7
Introdução — Maurice Hindle	15
Nota sobre o texto	45
 DRÁCULA	 47
 <i>Apêndice — A correspondência de Bram Stoker com Walt Whitman (1872-6)</i>	 605
<i>Notas</i>	619
<i>Cronologia</i>	635
<i>Outras leituras</i>	639

I

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER
(EM NOTAS TAQUIGRÁFICAS)*

3 de maio, Bistritz¹ — Saí de Munique às 20h35 do dia 1º de maio, chegando a Viena na manhã seguinte, bem cedo; deveria chegar às 6h46, mas o trem atrasou uma hora. Budapeste parece um lugar magnífico, a julgar pelo rápido vislumbre que as janelas do vagão me proporcionaram — e pela breve caminhada que consegui dar ao longo de suas ruas. Evitei me afastar muito da estação, pois tínhamos chegado tarde e devíamos partir assim que possível. Tive a impressão de que saíamos do Ocidente para entrar no Oriente: sobre o Danúbio — que, neste ponto, é de imponente largura e profundidade —, uma ponte esplendorosa, com a mais ocidental das aparências, conduziu-nos àquele outro mundo onde ainda pulsam as tradições do domínio turco.

Partimos na hora certa, e pouco após o anoitecer chegamos a Klausenburgo,² onde me hospedei no Hotel Royale. A ceia (ou, melhor dizendo, o lanche da noite) foi um

* Harker é um homem moderno, em contraste com a arcaica malignidade de Drácula. O fato de escrever em notas taquigráficas é um sinal de seu pragmatismo cosmopolita e científico, bem ao gosto da Inglaterra industrial da época. (N. T.)

peculiar prato de frango com pimenta-caiena. Era muito gostoso, mas me deu sede. (*Lembrete*: conseguir a receita para Mina.) O garçom me explicou que o prato se chamava *paprika hendl*, uma iguaria nacional, que eu poderia degustar em qualquer lugar ao longo dos Cárpatos.³ Minhas parcas noções de alemão foram muito úteis nesta parte da viagem; aliás, não sei como teria me virado se não pudesse produzir ao menos alguns balbucios germânicos.

Antes de partir de Londres, tinha aproveitado o tempo livre para fazer algumas pesquisas no Museu Britânico: visitei a biblioteca e mergulhei entre mapas e livros sobre a Transilvânia.⁴ Pois havia me ocorrido a ideia — bastante razoável, devo dizer — de que algum conhecimento prévio sobre aquela região decerto me ajudaria na tarefa de negociar com um aristocrata local. Descobri que o distrito citado pelo conde fica no extremo leste do país, bem na encruzilhada de três províncias — Transilvânia, Moldávia e Bukovina.⁵ A região está encravada no coração dos Cárpatos: um dos pedaços mais agrestes e menos conhecidos da Europa. Mas não topei com nenhum documento que desse a localização exata do Castelo Drácula, pois os mapas daqueles ermos não são exatamente comparáveis aos do Serviço Topográfico do Reino Unido. No entanto, descobri que Bistritz — a vila postal mencionada por Drácula — é um lugar bastante conhecido. Vou registrar aqui algumas das minhas anotações, pois elas podem ajudar a refrescar minha memória quando relatar minha jornada a Mina.

Quatro distintas nacionalidades se misturam na população da Transilvânia: os saxões habitam o sul; misturados a eles, encontram-se os valáquios, descendentes dos antigos dácios; no oeste, há os magiares; no leste e no norte, os Szekely.⁶ É à região habitada por esses últimos que me dirijo; eles afirmam, aliás, serem descendentes de Átila e dos hunos.⁷ Isso pode ser verdade, pois quando os magiares conquistaram essa região, no século XI, encontraram grupos de hunos vivendo lá. Li em algum lugar que toda a

superstição do mundo está concentrada na ferradura dos Cárpatos, como se aquele pedaço da Terra fosse uma espécie de vórtice das imaginações; se isso for verdade, minha estada lá será das mais interessantes. (*Lembrete*: questionar o conde sobre todos esses assuntos.)

Embora minha cama fosse bastante confortável, não consegui dormir direito, pois tive uma sucessão de sonhos estranhíssimos. Havia um cachorro latindo embaixo de minha janela, a noite inteira, o que talvez explique meu sono inquieto; ou talvez a causa fosse a tal *paprika*, que é realmente picante: após a refeição, bebi até a última gota de minha garrafa portátil e mesmo assim continuei com sede. Resvalei para o sono lá pelo fim da madrugada e fui despertado por alguém que batia em minha porta. Havia nas batidas uma nota de impaciência, mas eu dormia pesadamente e custei a acordar. No desjejum, comi *paprika* — de novo — e também uma espécie de papa feita com farinha de milho, que meus anfitriões chamavam de *mamaliga*.* Também havia berinjela recheada com bife tártaro — um prato soberbo, que eles chamam de *impletata*. (*Lembrete*: conseguir essa receita também.) Acabei o desjejum às pressas, pois o trem partiria um pouco antes das oito — ou melhor, *deveria ter partido*: após chegar correndo à estação, às 7h30, fiquei cerca de uma hora sentado no vagão, esperando e esperando, até que o trem finalmente começou a se mover. Tenho a impressão de que, quanto mais avançamos para o Oriente, menos pontuais os trens se tornam. Fico imaginando quão pontuais serão as veneráveis conduções da China.

Durante toda a manhã, tive a sensação de que deslizávamos com indolência por uma região de múltiplas e incessantes belezas. Às vezes, avistávamos altos castelos e mínimos vilarejos, lá no cume das serranias — imagens que pareciam ter saído daquelas ilustrações nos velhos mis-

* Prato semelhante à polenta. (N. T.)

sais; às vezes, margeávamos córregos e correntezas, cujas barrancas eram mantos abertos de calhaus e pedregulhos — sinal de que, em algum período do ano, havia ali poderosas enchentes, pois é preciso uma grande quantidade de água — e uma torrente realmente impetuosa — para destroçar e aplainar dessa forma as margens de um rio. Em cada estação ferroviária, havia variados grupos de pessoas, que às vezes formavam multidões, usando toda espécie de vestuário. Algumas figuras eram bem parecidas aos camponeses que vemos em nosso país ou àqueles que avistei em minha passagem pela França e pela Alemanha: usavam casaco curto, chapéu redondo e calças feitas em casa. Outros, no entanto, eram realmente exóticos. As mulheres em geral eram bonitas, mas apenas quando vistas à distância: havia algo de desengonçado em sua cintura. Todas tinham blusas com mangas largas e brancas, de vários tipos, e a maioria usava cintos peculiares, cobertos por tiras de alguma coisa que esvoaçava sem parar, como em certos trajes de balé; desnecessário dizer que, por baixo disso tudo, havia a presença reconfortante das anáguas. As figuras mais estranhas e bárbaras eram os eslovacos, com seus imensos chapéus de boiadeiro, suas bojudas calças bufantes (de um branco sujo), suas camisas de linho e seus assombrosos cintos de couro, com um palmo e meio de largura, guardados de uma ponta à outra por cravos e mais cravos de bronze. Usavam botas altas, com as calças enfiadas nos canos; eram melenudos, de cabeleiras escuras e longas, e bigodões pretos e pesados. Sua aparência era impressionante, mas nada atraente. Em cima de um palco londrino, seriam identificados à primeira vista como um bando de arcaicos salteadores orientais. Mas ouvi dizer que, na verdade, são inofensivos e pacatos — e lhes falta até mesmo aquela medida natural de petulância que encontramos tão bem distribuída na maioria dos povos.

Já mergulhávamos no lado escuro do entardecer quando o trem finalmente chegou a Bistritz — velha paragem

que, por sinal, me pareceu muito interessante. Está situada praticamente na fronteira. Logo após Bistritz, abre-se a Garganta de Borgo, desfiladeiro que conduz à Bukovina. A cidade teve uma existência tormentosa, cujos sinais e cicatrizes são bem visíveis. Cinquenta anos atrás, ocorreu uma série de incêndios, gerando terrível pandemônio em cinco ocasiões diferentes. No início do século XVII, a cidade passou por um cerco de três semanas, durante o qual morreram treze mil pessoas. O morticínio causado pelas armas contou com o auxílio fervoroso da peste e da carestia.

O conde Drácula me havia recomendado o Hotel Coroa de Ouro, e constatei que o lugar tinha uma atmosfera totalmente antiquada — o que me causou enorme deleite, pois eu desejava conhecer ao máximo os hábitos daquela região profunda. Pelo visto, já estavam esperando minha chegada, pois deparei no umbral da porta com o rosto de uma velhota jovial, vestida no traje usual de uma camponesa: roupa de baixo branca e avental duplo, de tecido colorido, tão ajustado à frente e atrás que o resultado geral era quase indecente. Ao ver que eu me aproximava, ela fez uma pequena reverência e perguntou:

— *Herr** Inglês?

— Sim — eu disse. — Jonathan Harker.

Ela sorriu e, virando o rosto, dirigiu breves e incompreensíveis palavras a um homem velho, de camisa branca e sem casaco, que a havia seguido até a porta. Ele desapareceu por um instante nas sombras do recinto, mas logo voltou trazendo uma carta:

Meu amigo,

Bem-vindo aos Cárpatos. Aguardo-o ansiosamente. Durma bem esta noite. Amanhã, às três horas, uma diligência partirá rumo à Bukovina; há nela um lugar reservado para você. Na Garganta de Borgo, minha car-

* “Senhor”, em alemão. (N. T.)

ruagem estará à sua espera. Ela o trará até mim. Espero que a viagem de Londres até aqui tenha sido agradável e que desfrute sua permanência em meu belíssimo país. Seu amigo,

DRÁCULA

4 de maio — Conforme descobri, outra carta fora enviada ao estalajadeiro, instruindo-o a reservar para mim o melhor lugar no coche; mas, quando tentei lhe fazer mais algumas perguntas, ele se mostrou algo reticente, parecendo não entender meu alemão. Estava certamente fingindo, pois até aquele momento compreendera todas as minhas palavras — ou, ao menos, havia respondido minhas perguntas como se as entendesse perfeitamente. Agora, contudo, o estalajadeiro e sua esposa — a velhota que me recebera à porta — entreolhavam-se de forma temerosa. Ele resmungou que o dinheiro fora enviado junto à carta, e que nada mais sabia. Quando perguntei se conhecia o conde Drácula, e se poderia me dizer algo a respeito de seu castelo, tanto o estalajadeiro quanto a esposa se persignaram, repetindo que não sabiam de nada, nada e nada. Depois, simplesmente se recusaram a continuar a conversa. Como a hora de partir já estivesse muito próxima, não tive tempo de questionar mais ninguém. Foi tudo muito sombrio, misterioso e nada encorajador.

Momentos antes de minha partida, a estalajadeira entrou em meu quarto e começou a falar numa toada histérica:

— O senhor tem que ir? Tem mesmo que ir? Ah, jovem Herr, tem mesmo que ir?

Seu ânimo estava tão exaltado que ela parecia ter esquecido seus conhecimentos de alemão, e sua fala espiralava em alguma outra língua que não conseguia sequer identificar. Só entendi o que ela dizia após fazê-la repetir inúmeras vezes cada frase. Quando eu lhe disse que preci-

sava partir imediatamente, e que tinha de tratar de negócios importantes, ela perguntou:

— Sabe que dia é hoje?

Respondi que era 4 de maio. Ela assentiu com um movimento de cabeça e disse:

— Sim, sim, eu sei disso, sei disso, mas o senhor sabe *que dia* é hoje?

Respondi que não estava entendendo nada. Ela prosseguiu:

— É véspera do Dia de São Jorge. O senhor por acaso não sabe que, ao tocar o sino à meia-noite, todas as coisas maléficas do mundo ganharão domínio total? O senhor sabe *para onde* está indo? Sabe *para o que* está indo?

Sua aflição era tão grande que me deu pena. Tentei confortá-la, mas sem sucesso. Por fim, ela tombou de joelhos e implorou que eu não partisse; ou que pelo menos aguardasse um dia ou dois. Era tudo um tanto ridículo, mas mesmo assim eu me sentia perturbado. No entanto, tinha negócios para tratar, e não podia permitir que coisas desse tipo interferissem em minha tarefa. Tentei erguê-la, segurando gentilmente seus braços, e lhe disse no tom mais grave possível que, embora agradecesse sua preocupação, meu dever era imperativo e eu tinha de partir. Então, ela se levantou e enxugou os olhos; depois, tirou um crucifixo, que trazia pendurado ao pescoço, e tentou colocá-lo em minhas mãos. Fiquei sem saber o que fazer: enquanto adepto da Igreja anglicana,⁸ fui ensinado a encarar essas coisas como algo vagamente idólatra; por outro lado, parecia-me descortês recusar o auxílio de uma senhora tão bem-intencionada, e num estado de espírito tão exacerbado. Suponho que ela tenha percebido minha hesitação, pois, num átimo, pendurou o rosário em meu pescoço e disse:

— Pelo amor de sua mãe. — E saiu do quarto.

Escrevo este trecho do meu diário enquanto aguardo pelo coche — que, naturalmente, está atrasado; o crucifi-

xo continua pendurado em meu pescoço. Talvez o nervosismo da velha senhora tenha me influenciado; ou talvez as tradições espectrais deste lugar estejam começando a me afetar; ou talvez seja o próprio peso do crucifixo, que roça em meu peito — mas o fato é que minha mente perdeu sua serenidade natural. Se esse diário chegar às mãos de Mina antes de meu retorno, que leve consigo meu adeus. Aí vem o coche!

5 de maio, Castelo Drácula — O cinzento lusco-fusco já se dissipou e o sol está alto sobre o horizonte — um horizonte recortado por saliências pontudas, que não sei ao certo se são árvores ou penhascos, pois a distância é tão vasta que as coisas grandes se confundem com as pequenas. Não estou com sono, e pelo visto ficarei sozinho neste quarto ainda por muito tempo; resta-me naturalmente escrever até adormecer. Há muitas coisas estranhas para registrar. Caso meu eventual leitor suspeite que jantei em demasia antes de partir de Bistritz, permita-me anotar da forma mais precisa possível minha refeição. Jantei o que os habitantes locais chamam de “bife ladrão” — pedaços de bacon, cebola e carne, temperados com pimenta-caiena, enfileirados em um espeto e assados sobre o fogo, à maneira simples do chamado “churrasco de gato”⁹ londrino. O vinho era um Mediasch Dourado:* ele produz sobre a língua um ardor estranho, mas que não deixa de ser agradável. Bebi apenas duas taças, e nada mais.

Quando cheguei à diligência, a boleia ainda estava vazia. O cocheiro estava ao lado do veículo, conversando com a albergueira. Estavam obviamente falando a meu

* “Um dos melhores vinhos da Transilvânia”, registra Stoker em suas notas. *Bram Stoker’s Notes for Dracula*. Edição fac-similar. Transcrição e notas de Robert Eighteen-Bisang e Elizabeth Miller (Jefferson: McFarland & Company, 2008). (N.T.)

respeito, pois de tempos em tempos olhavam para mim. Havia pessoas sentadas em um banco externo, junto à porta da estalagem (aqui, esses bancos são chamados de “espalha-palavras”).* Pouco a pouco, algumas das pessoas começaram a se levantar, para ouvir melhor as palavras da albergueira. Em breve, uma sequência de olhares de soslaio foi disparada em minha direção — e havia na maioria deles um toque de piedade. Ouvi muitas palavras repetidas, palavras estranhas, pois várias nacionalidades se misturavam naquela pequena multidão; discretamente, retirei o dicionário poliglota de minha bolsa e procurei os termos que conseguia captar. Devo dizer que o resultado não foi dos mais animadores, pois algumas daquelas palavras eram: *Ordog* — Satanás; *pokol* — inferno; *stre-goica* — bruxa; *vrolok* e *vlkoslak* — um termo eslovaco e outro sérvio, ambos significando a mesma coisa: uma criatura que pode ser descrita tanto quanto vampiro ou lobisomem. (*Lembrete*: pedir ao conde mais dados sobre essas interessantes superstições.)

Quando chegou a hora da partida, a turba junto à porta da estalagem já havia alcançado dimensões consideráveis. Assim que tomei meu assento no veículo, todas aquelas pessoas fizeram um simultâneo sinal da cruz, para em seguida apontar dois dedos em minha direção. Com alguma dificuldade, consegui que um companheiro de viagem me explicasse o significado desse último gesto. A princípio, ele não quis responder, mas, após descobrir que eu era inglês, finalmente revelou que aquele era um sortilégio contra o mau-olhado. Não foi uma revelação das mais aprazíveis para mim, que estava indo para um lugar obscuro, encontrar um completo desconhecido; mas todos pareciam tão gentis, tão compadecidos e tão pres-

* Em suas notas, Bram Stoker registra a palavra na língua original: “SZÓHORDÓK: bancos situados na parte externa da casa de camponeses”. (N. T.)

timosos que, apesar de tudo, fiquei um tanto comovido. Jamais esquecerei o último vislumbre que tive do pátio do hotel, com sua multidão de figuras pitorescas, persignando-se com solenidade em frente à ampla arcada, tendo ao fundo a exuberante folhagem dos oleandros e das laranjeiras em selhas verdes, aglomeradas no centro do pátio. Nosso cocheiro — que usava largas calças de linho, semelhantes a ceroulas, chamadas *gotza* — fez estalar seu chicote sobre os quatro pequenos cavalos emparelhados; e nossa viagem começou.

Enquanto o coche avançava, senti que os temores e as sugestões espectrais se dissipavam na beleza da paisagem — mas, se eu pudesse compreender a língua (ou melhor, as línguas) em que meus companheiros de viagem conversavam, talvez não me livrasse do medo com tanta facilidade. Diante de nós se expandia uma verde sucessão de ondulações, uma terra amena, apinhada de bosques e pontuada aqui e ali por cerros íngremes, cujos cimos exibiam arvoredos e casas de fazenda; as fachadas, voltadas para a margem da estrada, eram simples e modestas, com paredes em gabletes pontudos. Por todo lado, havia uma estonteante profusão de frutas em árvores e arbustos: maçãs, ameixas, peras, cerejas; e, enquanto a diligência avançava, eu podia divisar as pétalas cadentes salpicando a relva sob as árvores. Esgueirando-se para dentro e para fora desse labirinto de colinas verdes — que os habitantes chamam de Mittelland* —, a estrada às vezes parecia uma rota aleatória e extraviada, enlouquecida pela extravagância da paisagem. Num instante o caminho margeava amplas curvas verdejantes, para em seguida se espremer entre as orlas dos pinheirais que, como súbitas enchentes ou desnorteados incêndios verde-escuros, desciam em manchas alongadas pelas encostas das colinas. O caminho era acidentado, mas parecíamos voar sobre os

* “Terra do meio”, em alemão. (N. T.)

sulcos e buracos em um transe de velocidade. No momento, não entendi o motivo de tanta pressa — mas era evidente que o cocheiro desejava chegar o mais rápido possível à região de Borgo Prund. Fui informado de que, no verão, essa estrada é excelente; mas ela não fora reparada após as nevascas do inverno. Nesse sentido, os caminhos da região são peculiares entre todas as vias que cortam os Cárpatos — pois, segundo um velho hábito, as estradas *não devem* ser mantidas em boas condições; o costume é, precisamente, deixá-las mal e mal transitáveis. A tradição vem de séculos atrás: os *hospadars*,¹⁰ antigos nobres da região, evitavam consertar as estradas, pois isso poderia despertar a desconfiança dos otomanos. Se os turcos suspeitassem que os nobres locais pretendiam chamar tropas aliadas dos territórios vizinhos, estaria aceso o estopim da guerra — sempre prestes a incendiar a atribulada região.

Além das colinas da Mittelland, íngremes florestas se erguiam até as vertiginosas escarpas dos próprios Cárpatos. Lá estavam eles, alçando-se à nossa esquerda e à nossa direita, com o sol da tarde incidindo diretamente sobre suas encostas e acentuando todas as cores gloriosas dessa formidável cordilheira: púrpura e azul profundo na sombra dos picos, verde e castanho onde rocha e relva se mesclavam; e, mais além, um panorama infinito de agudos penhascos e penedos. As rochas em formas variadas se sucediam até se perder na distância, lá onde os cumes nevados se projetavam em silenciosa grandeza. Enquanto o sol declinava, avistamos aqui e ali o lampejo branco de cachoeiras nas majestosas fendas que se abriam no corpo das montanhas. Um de meus companheiros tocou meu ombro, enquanto contornávamos a base de uma colina — naquele mesmo instante, deparamos com um pico altaneiro e nevado que, na sinuosidade de nosso trajeto, parecia estar plantado bem na nossa frente.

— Veja! *Isten szek! O trono de Deus!* — ele exclamou, fazendo o sinal da cruz.

Enquanto seguíamos naquele infinito zigue-zague, o sol rareava, tombando às nossas costas. As sombras ras-tejavam ao nosso redor, cercando-nos pouco a pouco. A gradual aproximação das trevas era ainda mais evidente porque o crepúsculo continuava aceso lá no altíssimo cume nevado, que refletia os últimos fogos do céu em um brilho rosa ameno. Aqui e ali, cruzávamos com grupos de tchecos e eslovacos, em trajas variados. Observando-os com interesse pictórico, constatei — um tanto consternado — que o bócio é um mal dolorosamente comum nessa população. À margem da estrada, havia muitas cruces, e meus companheiros se persignavam sempre que passávamos por alguma delas. De tempos em tempos, eu avistava algum camponês ou alguma camponesa, de joelhos em frente a um solitário altar; à passagem de nosso coche, esses fiéis nem sequer voltavam o rosto para nós: totalmente absorvidos em sua devoção, pareciam não ter olhos nem ouvidos para o mundo exterior. Aqui havia muitas coisas novas e estranhas para mim: avistei, por exemplo, montes de feno sobre as árvores e renques de salgueiros-chorões, com delicados troncos que brilhavam feito prata em meio à cortina verde das folhagens. Diversas vezes, ultrapassamos um *leiterwagen* — a carreta rústica dos camponeses locais. Comprida, sem molas e dividida em vértebras semelhantes às de uma serpente, essa carroça é projetada para se amoldar às irregularidades daqueles caminhos; sobre ela, viajavam grupos consideráveis de camponeses, voltando para casa após mais um dia de trabalho. Todos se vestiam com peles de carneiro: no caso dos tchecos, as peles eram brancas; já entre os eslovacos, eram diversamente coloridas. Os eslovacos traziam grandes cajados, que empunhavam como se fossem lanças; na ponta das hastes, estavam engastadas lâminas de machado. Entardecia, e o frio se tornava intenso; o lusco-fusco, adensando-se, borrava o vulto melancólico das árvores numa sombria nebulosidade. À beira da estrada, havia carvalhos, faias e pinheiros; mas nos vales

rasgados entre os sopés das colinas — que avistávamos lá embaixo, enquanto subíamos pelo desfiladeiro —, os abetos se destacavam, escuros, contra o fundo alvacento das neves temporãs. De tempos em tempos, a estrada cortava densos pinhais onde as árvores pareciam se fechar sobre nós. As cinzentas massas de líquens, espalhadas entre os troncos, produziam um efeito estranho e solene, recrudescendo as sinistras imaginações que eu havia engendrado mais cedo, no início do entardecer, quando o sol poente desenhara relevos fantásticos sobre as nuvens dos Cárpatos — nuvens-fantasma que pareciam vagar eternamente entre vales e encostas. Às vezes os declives eram tão íngremes que, apesar da pressa do cocheiro, os cavalos tinham de diminuir o passo. Nessas ocasiões, minha vontade era descer do coche e ir andando ao lado da parelha, como é costume em nosso país; mas o cocheiro não permitiu que eu realizasse esse capricho.

— Não, não — ele disse —, você não pode caminhar aqui. Os cães são ferozes demais. — E acrescentou, no que evidentemente pretendia ser um gracejo tétrico (pois disse isso olhando ao redor, para captar o sorriso aprovador dos outros): — E, antes de dormir esta noite, você talvez fique farto desse tipo de coisa. — A única parada que fez em todo o trajeto foi para acender as lâmpadas da diligência.

À medida que a noite caía, os passageiros demonstravam um crescente nervosismo, falando sem parar com o cocheiro, como se exigissem uma velocidade ainda maior. Ele estalou seu impiedoso chicote sobre a parelha de cavalos, com gritos selvagens, incitando-os a um esforço ainda mais exorbitante. Então, em meio às trevas, divisei uma racha de luz cinzenta, como se houvesse um rasgão nos montes maciços à nossa frente. O alvoroço dos passageiros ficou ainda maior. A louca diligência balançava em suas grandes molas de couro, jogando como um barco em mar tempestuoso. Tive de me segurar. A estrada estava ficando mais plana e parecíamos realmente estar voando. De re-

pente, as montanhas se apinharam ao nosso redor, medindo-nos lá de cima com expressão severa: estávamos entrando na Garganta de Borgo. Um por um, vários passageiros me ofereceram presentes, com um ardor que não deixava ocasião a recusas. Eram simples, mas foram todos dados em boa-fé, acompanhados por uma palavra gentil, uma bênção e aquela estranha combinação de gestos temerosos, que eu já testemunhara em frente ao hotel em Bistritz — o sinal da cruz e o sortilégio contra o mau-olhado. Então, enquanto avançávamos a toda brida, o cocheiro se inclinou para a frente, e os passageiros, em ambos os lados, espiçaram-se pelas aberturas do coche, vasculhando com os olhos a escuridão. Era evidente que algo assombroso estava prestes a ocorrer — ou assim eles esperavam. Contudo, por mais que eu questionasse os demais, ninguém quis me dar uma explicação. Esse estado de agitação durou por algum tempo, até que avistamos uma abertura no lado oriental da Garganta. Pairava sobre nossa cabeça um manto de inquietas nuvens negras, e havia no ar um ominoso prenúncio de trovão. Parecia que a cordilheira de montanhas separava duas atmosferas, e agora havíamos entrado nos domínios da tormenta. Olhando pela janela, eu procurava a condução que me levaria ao conde. A todo instante, esperava divisar o súbito lampejo de lâmpadas nas trevas; mas havia apenas a escuridão. A única luz visível eram os raios bruxuleantes produzidos pelos faroletes de nosso próprio coche — em cujo halo se erguia, feito nuvem, o suarento vapor dos cavalos. Podíamos ver, à nossa frente, uma branca estrada de areia, mas nela não havia sinal de veículo algum. Os passageiros se recostaram com um suspiro de alegria, que parecia zombar de meu próprio desapontamento. Eu já ponderava sobre o que deveria fazer em seguida quando o cocheiro, olhando seu relógio, falou algo aos outros passageiros, em voz muito baixa; não consegui escutar direito, mas acho que foi:

— Uma hora antes do tempo. — Então, voltando-se

para mim, disse em um alemão ainda mais tacanho que o meu: — Não tem carruagem aqui. Ninguém espera pelo jovem *Herr*. Ele vai com a gente à Bukovina e volta amanhã, ou depois de amanhã; melhor se for depois de amanhã.

Mas, enquanto ele falava, os cavalos começaram a relinchar e a resfolegar, debatendo-se de tal forma que o cocheiro teve de forcejar nas rédeas para controlá-los. Então — enquanto erguia-se, em meio aos camponeses, um coro de assombradas exclamações, acompanhado por uma persignação universal — eis que uma caleche emergiu das sombras atrás de nós, puxada por quatro cavalos. Alcançou-nos em um instante e estacou bem ao lado da diligência. Sob os raios desencontrados de nossos faroletes, consegui discernir os animais que puxavam o veículo recém-chegado: eram esplêndidas criaturas, negras como carvão. Quem as conduzia era um homem alto, com longa barba castanha e um grande chapéu preto, que escondia seu rosto. Quando ele se virou para nós, a maior parte de suas feições continuou oculta; consegui discernir apenas, sob a aba do chapéu, o lampear de dois olhos muito brilhantes, que soltavam reflexos escarlates ao clarão incerto das lâmpadas. Ele disse ao nosso cocheiro:

— Chegou cedo esta noite, meu amigo.

O cocheiro balbuciou, em resposta:

— *Herr* Inglês estava com pressa.

— E por isso, suponho, você queria que ele seguisse até a Bukovina — o estranho replicou. — Não pode me enganar, meu amigo; sei de muitas coisas, e meus cavalos são rápidos. — Enquanto ele falava, a luz incidiu sobre uma dura boca que sorria, com lábios vermelhos e dentes afiados, brancos como marfim. Num sussurro, um de meus companheiros segredou a outro uma linha do poema “Lenore”, de Burger:

Denn die Todten reiten schnell

(Porque os mortos viajam rápido).¹¹

O estranho cocheiro obviamente escutou essas palavras, pois, no mesmo instante, ergueu o rosto com um dilatado sorriso. O passageiro virou a face para o outro lado ao mesmo tempo que erguia dois dedos para fazer o sinal da cruz.

— Agora, me dê a bagagem do *Herr* — disse o estranho. Para alívio geral, minhas malas foram transferidas de uma carruagem para a outra. Desci da diligência pela porta lateral, pois a caleche estava estacionada bem ao lado; o cocheiro sombrio me ajudou a subir, segurando meu braço com um punho que parecia feito de metal; era evidente que tinha uma força prodigiosa. Sem uma palavra, sacudiu as rédeas. Os cavalos deram meia-volta e mergulhamos velozmente na escuridão da Garganta. Olhando para trás, divisei o vapor dos cavalos à luz dos faroletes — e, recortados contra aquela neblina luminosa, vi pela última vez meus ex-companheiros, em derradeira persignação. O chicote estalou, o condutor soltou um grito e a diligência disparou em direção à Bukovina.

Ao vê-los desaparecer nas trevas, uma estranha sensação de frio se alastrou por meu corpo junto a um arrepio de solidão; mas, nesse momento, um manto foi jogado sobre meus ombros e um cobertor sobre meus joelhos. E o cocheiro disse, em um alemão castiço:

— A noite está fria, *mein Herr*. E meu mestre, o conde, ordenou que eu cuidasse bem do senhor. Há um frasco de *slivovitz** embaixo do assento, caso deseje beber.

Não bebi um gole sequer, mas era um consolo saber que havia alguma bebida à disposição. Pois eu sentia uma crescente estranheza — e mais do que um pouco de medo. Creio que, se houvesse alguma alternativa, teria escapado imediatamente daquela insólita jornada noturna. A carruagem seguiu a toda brida, em linha reta; fez então uma volta, e novamente seguimos por uma estrada retilínea.

* Conhaque de ameixa produzido na região. (N.T.)

Tive a impressão de que estávamos percorrendo sempre o mesmo trajeto; anotei mentalmente alguns pontos de referência e logo percebi que minha vertiginosa sensação estava correta. Fiquei tentado a questionar o cocheiro sobre o significado de tudo isso, mas o medo me deteve: na posição em que me encontrava, qualquer protesto seria inútil, caso houvesse de fato alguma intenção de atrasar nossa viagem. Aos poucos, contudo, a curiosidade me dominou: quanto tempo já teria passado? Risquei um fósforo e, ao clarão de sua pequena chama, olhei meu relógio; faltavam poucos minutos para a meia-noite. Confesso que fiquei perturbado com essa constatação; acho que minhas experiências recentes haviam catalisado a superstição geral que cerca essa famigerada hora. Com um misto de náusea e suspense, aguardei.

Nisso, um cachorro começou a uivar em alguma fazenda, lá longe, à margem da estrada — longa lamúria feita de medo e agonia. O som foi ecoado por outro cão, e outro, e mais outro, em diversos pontos nas imensas trevas. Carregada pelo vento que agora soprava pela Garganta, uma alucinante teia de uivos tomou forma ao nosso redor, parecendo estender-se pela região inteira, até distâncias inconcebíveis — e logo minha transtornada fantasia imaginou todos os cachorros do país uivando na soturna extensão da noite. Ao ouvir o primeiro uivo, os cavalos haviam começado a se empinar e retroceder. Mas o cocheiro lhes disse algumas palavras tranquilizadoras, e os animais logo se aquietaram, embora continuassem suando e tremendo, como se houvessem recém-terminado uma fuga pavorosa. Na lonjura das montanhas, entre as escarpas que nos cercavam por ambos os lados, começou um uivo mais agudo, mais alto, mais selvagem: o uivo dos lobos. A inquietude dos cavalos recrudesceu — e partilhei de seu pânico. A parelha agora se debatia, no furor do medo: o cocheiro teve de empregar toda a sua força para evitar que disparasse. De repente, senti o ímpeto de saltar

da caleche e fugir correndo. Em alguns minutos, contudo, meus ouvidos se acostumaram àquela tétrica melodia. O alvoroço dos cavalos também começou a diminuir, gradualmente. Descendo da boleia, o estranho condutor ficou de pé em frente aos animais; acariciou suas cabeças e sussurrou algo junto a suas orelhas, como eu já vira domadores fazendo em diferentes ocasiões. Aquilo teve um efeito extraordinário. Os cavalos ficaram dóceis, embora eventuais tremores continuassem percorrendo seus corpos. O cocheiro voltou ao assento e, sacudindo as rédeas, retomou a viagem a toda a velocidade. Dessa vez, depois de alcançar a extremidade da Garganta, ele fez um desvio à direita, por uma trilha íngreme e exígua.

Em seguida, fomos engolidos por um arvoredor. Em alguns pontos, a densa ramaria se emaranhava acima da estrada, e era como se corrêssemos dentro de um túnel. E, novamente, os severos paredões de pedra nos vigiavam em ambos os lados. Embora estivéssemos ao abrigo do vento, podíamos escutá-lo com intensidade cada vez maior. A ventania assoviava entre os penedos e fazia os galhos das árvores se entrechocarem enquanto corríamos aqui embaixo. A temperatura despencou; uma tênue poeira de neve começou a cair. Logo, ficamos cobertos por um suave lençol branco, assim como todas as coisas ao nosso redor. Na agudez do vento, eu ainda percebia o queixume dos cachorros, mas numa toada cada vez mais débil. O uivo dos lobos, no entanto, parecia cada vez mais próximo, como se as feras estivessem nos cercando por todos os lados. Fiquei terrivelmente assustado, e os cavalos voltaram a relinchar, nervosos; mas o cocheiro estava impassível. De tempos em tempos, ele virava a cabeça para um lado e outro, como se procurasse algo, mas eu não conseguia divisar nada na escuridão.

De repente, à nossa esquerda, enxerguei o vago bruxulear de uma chama azul. O cocheiro também a viu e, no mesmo instante, deteve os cavalos. Pulando para o

chão, desapareceu entre as sombras. Fiquei ali sem saber o que fazer — e, para piorar as coisas, a cacofonia dos lobos parecia cada vez mais próxima. Mas, enquanto eu especulava, atônito, lá veio de volta o cocheiro: sem dizer nada, retomou o lugar na boleia e prosseguiu a viagem. Acho que caí no sono e fiquei sonhando com o incidente da chama azul — pois a mesma cena pareceu se repetir diversas vezes. Em retrospectiva, tudo aquilo parece ter ocorrido nas profundezas de um pesadelo. Em uma de suas aparições, a labareda noturna surgiu tão perto da estrada que, em seu lívido clarão, eu podia divisar todos os gestos do cocheiro. Contudo, a chama não iluminava o terreno ao seu redor: era como se aquele fogo fizesse parte das sombras. O cocheiro foi rapidamente até a chama e, catando algumas pedras, dispôs-las em uma espécie de desenho. Então testemunhei uma estranha ilusão de ótica: embora estivesse entre mim e a chama, o cocheiro não obstruía minha visão, pois eu continuava enxergando perfeitamente o bruxulear do fogo-fantasma. Fiquei perturbado, mas a ilusão durou apenas um instante. Logo me convenci de que os olhos, sob a pressão constante das trevas, começavam a me ludibriar. Por algum tempo não houve mais chamas azuis, e seguimos adiante entre as sombras velozes, constantemente cercados pelo uivo dos lobos — como se uma alcateia nos seguisse, formando um círculo móvel ao nosso redor.

Houve nova parada, e o cocheiro voltou a descer do veículo — dessa vez, no entanto, ele se afastou até desaparecer na beira da estrada. Novamente alvoroçados, os cavalos começaram a soltar cortantes nitridos de horror. No início, não partilhei daquele medo, pois o uivo dos lobos havia silenciado. Mas foi então que a lua, singrando nuvens negras, apareceu atrás de um penhasco anguloso, erizado de pinheirais selvagens. E eu vi: ao nosso redor, havia um anel de lobos. Seus dentes faiscavam de tão brancos; as línguas pendiam das bocarras; os membros

eram fortes e fibrosos; a pelagem, áspera e emaranhada. Aquele macabro silêncio era cem vezes mais terrível que o mais selvagem dos uivos. Senti uma espécie de paralisia dominar meu corpo: um tipo de horror que um homem só pode compreender após tê-lo enfrentado face a face.

E, de repente, todos os lobos começaram a uivar juntos, como se a luz da lua exercesse sobre eles um efeito peculiar. Os cavalos mais uma vez acuaram, em violentos saltos e convulsões, com os olhos girando dolorosamente nas órbitas; mas aquele anel de terror vivo os envolvia por todos os lados, e os pobres animais não tinham como escapar ao cerco. Gritei pelo cocheiro — pois me parecia que a única chance de salvação era romper a barreira de lobos, para que ele voltasse à carruagem. Continuei gritando e batendo com as mãos nas laterais da caleche, na esperança de que o barulho afugentasse as feras. De repente, ouvi palavras retumbando em tom imperioso; procurando com os olhos a origem daquela voz, avistei o cocheiro lá adiante, de pé no meio da estrada. Ele ergueu os braços e começou a separá-los lentamente, como que abrindo caminho em meio a obstáculos impalpáveis. À medida que os braços se moviam, o silencioso mar de lobos ia se rasgando; as feras se afastavam umas das outras, e uma trilha se alargava no meio da alcateia... De súbito, uma nuvem gigantesca cruzou a face da lua, e a cena novamente mergulhou nas trevas.

Quando meus olhos se acostumaram ao escuro, o cocheiro estava subindo na caleche, e os lobos haviam desaparecido. Engasgado de pavor, eu não conseguia me mexer nem falar. A estranheza da situação me sufocava. Por um tempo que me pareceu interminável, seguimos viagem. Agora a escuridão era quase total, pois a barreira de nuvens voltara a ensombrecer a lua. Seguimos adiante, subindo e às vezes descendo — mas, no geral, nosso caminho era para cima. De súbito, percebi que o cocheiro refreava os cavalos. Agora estávamos no pátio de um vas-

to castelo em ruínas, cujas altas janelas opacas não emitiam um único raio de luz. As ameias da velha muralha, meio derruídas, recortavam ângulos e reentrâncias contra o céu clareado pelo luar.